

Midland faz empréstimo se recuperação continuar

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O Midland Bank, o sexto maior credor do Brasil, está disposto a apoiar qualquer pedido de empréstimo novo do País na próxima fase de renegociação da dívida externa, desde que a economia brasileira continue apresentando perspectivas de melhoras. Foi o que afirmou ontem o diretor do banco inglês para a América Latina, África e Oriente Médio, Jacques de Mandat-Grancey, depois de almoçar com o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas.

O banqueiro inglês concordou que, se o Brasil não solicitar recursos novos, certamente receberá mais benefícios em termos de condições e prazos de pagamentos. Defendeu a ida do País ao Clube de Paris para renegociar a dívida a vencer junto aos governos industrializados. Mas destacou que o próprio tempo da renegociação vai favorecer o Brasil, na medida em que surgirem fatos novos na economia brasileira.

Exemplificou que a queda do preço do petróleo, ou mesmo a descoberta de mais um grande campo de óleo, poderá ajudar o Brasil. Salientou também os resultados já alcançados, mencionando o superávit comercial de US\$ 12 bilhões como extremamente animador. Também destacou o resultado do déficit em transações correntes, este ano, previsto inicialmente para US\$ 5 bi-

lhões, e que deve ser inferior a US\$ 3 bilhões.

Concordou o banqueiro inglês que a queda da inflação ajudará nas negociações, na medida em que um nível menor do índice é bom inclusive para os investimentos externos. A respeito da participação de representantes da dívida externa, foi incisivo: "Vamos renegociar com quem estiver no governo".

Sobre a capitalização de juros, ele declarou: "Trata-se mais de uma posição acadêmica, porque quando emprestamos é para pagar os juros. Só contabilmente é que existe alguma diferença para os bancos norte-americanos". Quanto a uma renegociação plurianual, comentou que precisa ser estudada em consenso com os 800 bancos credores do País.

US\$ 2 BILHÕES

O Midland Bank tem emprestado US\$ 2 bilhões ao Brasil, e é sócio minoritário (47%) de uma empresa de arrendamento mercantil com o Bamerindus, de Curitiba. O presidente do Banco do Brasil, Osvaldo Colin, que participou do almoço na Fazenda, disse que o Midland está interessado em investir na agricultura nordestina.

O banqueiro inglês destacou que a participação do Midland no Brasil é sinal de confiança. E reiterou que as condições da próxima fase de renegociação certamente serão melhores, inclusive influenciadas pelo resultado da renegociação mexicana.